Uma experiência em mediação cultural com professoras no Museu de Arte de Blumenau

An experience with cultural mediation with teachers at the Museum of Art of Blumenau

Una experiencia de mediación cultural con profesores en el Museo de Arte Blumenau

DOI:10.18226/21784612.v31.e026010

ISSN online 2178-4612 Disponível: http://www.ucs.br/etc/ revistas/index.php/conjectura

Carla Carvalho[1]

Denna Carolina Sena[2]

Maria Izilda Annunciato[3]

Resumo: Nos museus de arte, a mediação cultural se constitui como um elemento essencial entre as obras de arte e o público. Este trabalho objetiva analisar relatos e registros de uma experiência de mediação cultural realizada no Museu de Arte de Blumenau (MAB) com professoras de Educação Infantil, identificando as estratégias utilizadas e compreendendo como elas contribuem para a construção de um espaço museal acolhedor e propício à fruição. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, com relato de experiência e análise documental dos registros do Setor Educativo do MAB. Conclui-se que a mediação cultural no contexto museológico enriquece a experiência do visitante, transformando o museu em um espaço de aprendizado e de apreciação. Os resultados também indicam que o diálogo abre espaço para que as professoras constituam autonomia no processo, assim como revela que a mediação cultural potencializa a compreensão do museu como espaço de acolhimento e de produção de sentidos.

Palavras-chave: Mediação cultural. Museu de arte. Artes visuais. Educação. Formação de professores.

Abstract: In art museums, cultural mediation constitutes an essential element connecting artworks and the public. This study aims to analyze experiential accounts and field records of a cultural mediation experience carried out at the Blumenau Museum of Art (MAB) with early childhood education teachers, identifying the strategies employed and

[1] Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de artes do Departamento de Artes do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau (Furb). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1402-7920 E-mail: carcarvalho@furb.br

[2] Licenciada em artes visuais pela Universidade Regional de Blumenau (Furb). Professora na Arto Ateliê. Orcid: https://orcid.org/0009-0004-1346-6501 E-mail: dennasena@gmail.com

[3] Pedagoga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Gerente do Museu de Arte de Blumenau (MAB). Orcid: https://orcid.org/0009-0008-8772-8008 E-mail miaavila493@gmail.com

understanding how they contribute to the construction of a welcoming museum space conducive to aesthetic appreciation and fruition. This is a qualitative study based on an experience report and documentary analysis of records from the Educational Department of the MAB. The results indicate that cultural mediation in the museological context enriches the visitor's experience, transforming the museum into a space for learning and appreciation. Furthermore, the findings show that dialogue fosters teachers' autonomy in the process and reveals that cultural mediation enhances the understanding of the museum as a space of welcome and meaning-making.

Keywords: Cultural Mediation. Art museum. Visual Arts. Education. Teacher educacion**.**

Resumen: En los museos de arte, la mediación cultural se constituye como un elemento esencial entre las obras de arte y el público. Este estudio tiene como objetivo analizar los relatos y registros de una experiencia de mediación cultural realizada en el Museo de Arte de Blumenau (MAB) con profesoras de la Educación Infantil, identificando las estrategias empleadas y comprendiendo cómo contribuyen a crear un espacio museístico acogedor y propicio para la experiencia estética. La investigación adopta un enfoque cualitativo, utilizando un relato vivencial y el análisis documental de los registros del Departamento de Educación del MAB. El estudio concluye que la mediación cultural en el contexto museístico enriquece la experiencia del visitante, transformando el museo en un espacio de aprendizaje y apreciación. Los resultados también indican que el diálogo permite a los docentes desarrollar autonomía en el proceso y revelan que la mediación cultural favorece la comprensión del museo como un espacio acogedor donde se construye el sentido.

Palabras clave: Mediación cultural. Museo de arte. Artes Visuales. Educación. Formación de profesores.

Introdução

Este artigo tem como tema o processo de mediação cultural no contexto museal com um grupo de professoras da Educação Infantil. Buscamos analisar esse processo com educadoras em formação continuada durante uma visita ao Museu de Arte de Blumenau (MAB), em Santa Catarina.

Esta é uma investigação de abordagem qualitativa, com relato de experiência e análise documental dos registros de uma das mediadoras do Setor Educativo do MAB. Os documentos selecionados para a investigação foram os registros dos diários de mediação do Setor Educativo do MAB, que contêm imagens,

descrição do processo e síntese do envolvimento dos participantes. Essa vivência ocorreu em uma manhã, no mês de setembro do ano de 2023, com um grupo de nove professoras do CEI Irmã Maria Christa Prullage, numa formação continuada na parada pedagógica. Nesses registros, buscamos identificar as estratégias utilizadas e como elas contribuíram para a mediação, para que o Museu fosse visto como um espaço de conhecimento em arte e como um espaço acolhedor.

Os materiais produzidos durante a mediação foram fotografias e relatos escritos, extraídos do diário de mediação das atividades realizadas no Museu. Assim, nesta pesquisa, descrevemos como ocorreu esse processo nas salas expositivas, os questionamentos apresentados pelas professoras e o processo de fruição, além de relatarmos o percurso realizado pelas salas expositivas do Museu, guiando as professoras.

A análise desse corpus foi orientada por critérios teóricos relacionados à abordagem dialógica, na qual buscamos remontar uma experiência mediadora de estágio não obrigatório e as aprendizagens que ela acarretou. Por se tratar de uma pesquisa posterior ao evento de estágio, o projeto investigativo não foi submetido ao Comitê de Ética da universidade, embora tenha sido cuidadoso em relação à integridade de todos os envolvidos.

A maioria das visitas ao Museu ocorre por meio de agendamentos escolares, acadêmicos e instituições organizadas. O MAB, em parceria com centros de educação infantil (CEIs) de Blumenau, organiza eventos com diretores e formação de professores de instituições de toda a cidade. Foi a partir dessa vivência que a presente pesquisa se constituiu. O movimento com professores e professoras enriquece as visitas, que agregam mais vivências e experiências ao Museu. Muitos CEIs e demais instituições, que participam da formação, retornam posteriormente com grupos de alunos que, por sua vez, voltam em companhia dos pais e amigos, aos fins de semana. Dessa forma, o Museu se constitui como um espaço de familiarização, de encontro e de criação de experiências e memórias afetivas.

A partir da vivência de estágio de uma das autoras no Museu, articulada a estudos acadêmicos sobre educação em arte em

contextos formais e não formais de educação, notamos que havia diversos modos de mediação cultural. Assim, compreendemos que a mediação cultural se dá em relação a múltiplas formas e contextos. Além dos momentos de mediação presencial, a equipe de mediadores do MAB elabora um catálogo digital das temporadas de exposição, compreendido como uma forma de acesso aos conteúdos das exposições. Os catálogos contêm fotos, textos curatoriais, relatos de mediações ocorridas no Museu, biografia dos artistas e curadores, entre outros. Tratado como um material educativo, professores, alunos e demais visitantes podem utilizar o catálogo digital para realizar pesquisas sobre artistas e sobre o Museu, sendo uma importante forma de registro das exposições que o MAB já recebeu. Esse material está disponível no *blog* do Museu de Arte de Blumenau, na aba "Catálogos de temporada"[4].

Observamos que outra forma de o museu divulgar e registrar as temporadas são vídeos das exposições. Os vídeos têm como principal conteúdo a apresentação das salas expositivas, o registro das falas dos artistas expositores sobre os processos criativos e os relatos de como foi expor no MAB. Esses materiais são divulgados, principalmente, em redes oficiais da Secretaria da Cultura, como Instagram e Facebook, e no noticiário virtual da Prefeitura Municipal de Blumenau. Em 2022, o MAB também criou um canal no YouTube, disponibilizando os conteúdos on-line. Elaborados pelos estagiários que atuam no Museu, esses outros materiais educativos contribuem para o acesso à informação, à arte e à cultura. Dessa forma, também auxiliam nas visitas como um dispositivo de mediação acessível à maioria da população.

No entanto, a principal forma de mediação no Museu de Arte ainda é presencial, com mediadores, geralmente estagiários, guiando visitas aos espaços expositivos. Os estagiários estudam as exposições, desenvolvem materiais educativos para crianças e adolescentes e planejam roteiros de mediação específicos para cada grupo, faixa-etária e exposição. Nesse processo, consideramos que cursar a licenciatura em artes visuais é um diferencial no contexto. Por meio dessa vivência e do conhecimento acadêmico, foi possível

[4] Os catálogos de temporada podem ser consultados em: http://museudeartedeblumenau.blogspot.com/

elaborar atividades coerentes e consistentes com o contexto e as diversas idades dos visitantes.

Na condução desta pesquisa, partimos da compreensão de que atuar como mediadoras culturais no Museu nos oportunizou vivenciar o ensino da arte em seu estado institucional, no âmbito da educação não formal. Nesse período de atuação no MAB, compreendemos as diversas formas pelas quais o público estabelece suas relações com a arte, antes e depois da mediação cultural, e percebemos como a prática da visita guiada pode potencializar vivências significativas.

Peruzzo (2018) discute as ressonâncias da experiência estética no corpo de docentes de arte no processo de mediação cultural em espaço museal, a partir de um percurso de mediação cultural. Nessa investigação, que foi realizada no contexto do MAB, o autor propõe um processo de mediação que nos provoca a pensar o modo de mediar o encontro com a arte, discute a relevância da interação com ela para que professores e professoras possam constituir, de forma mais significativa, os conhecimentos elaborados no Museu. A investigação acena a relevância da experiência estética e do corpo em performance junto a professores e professoras de arte que atuam nas redes públicas.

O Museu, a mediação cultural e a exposição

O Museu de Arte de Blumenau (MAB) é o maior museu de arte do Vale do Itajaí. De âmbito municipal, o Museu está situado no prédio histórico que ocupou a antiga prefeitura da cidade de Blumenau entre 1875 e 1982. Com o passar dos anos, sofreu diversas modificações e ampliações. Em 1958, a edificação que abrigava a administração municipal, o Fórum e o Arquivo Histórico foi atingida por um incêndio, que acarretou uma perda patrimonial irreparável. Sua reconstrução, no início do segundo milênio, retomou a arquitetura da década de 1930. Em 2001, com o espaço ampliado, criaram-se a galeria de artes e o Auditório Carlos Jardim (Wenderlich, 2020).

A criação do Museu teve início em 1987, com a inauguração da Galeria Municipal de Arte, atual Sala Alberto Luz, filiada à Fundação Cultural de Blumenau (FCBlu), e com a inauguração da Escolinha de Artes Monteiro Lobato, que ocupava as salas inferiores

do prédio. Com o tempo, as reformas e as amplificações do espaço possibilitaram que, em 2004, fosse oficialmente inaugurado o MAB. Atualmente, ocupa o mesmo prédio, dividindo os andares superiores com a atual Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais (SMC). Possui cinco salas expositivas, todas nomeadas em homenagem a artistas de Blumenau e região, como a Galeria Municipal/Sala Alberto Luz, que foi a primeira sala expositiva do Museu de Arte, a Sala Roy Kellermann, a Sala Pedro Dantas, a Sala Elke Hering e a Galeria do Papel. Hoje, o Museu abriga mais de 800 obras em seu acervo, recebidas por meio de salões, premiações e doações, e conta com obras históricas e contemporâneas relevantes de artistas regionais, nacionais e internacionais.

Figura 1 – Atual construção que abriga o Museu de Arte de Blumenau.

Fonte: OCP News Vale (2022).

O museu tem a intencionalidade de partilhar arte e cultura, fomentando espaços para as mostras de artes visuais e para dar visibilidade às produções artísticas, contribuindo para a dinamização do local. "O intuito de reconhecer, valorizar, preservar e difundir o patrimônio artístico-cultural em geral, vem sendo sua missão desde sua fundação" (MAB, 2023, on-line). Dessa forma, o objetivo principal do MAB é a socialização da arte em todos os seus níveis, contribuindo com a formação de cidadãos mais críticos e conscientes acerca do papel fundamental da cultura para nossa

vida. Além disso, visa a promover o intercâmbio cultural entre o estado e o país, estimulando a produção artística da cidade.

O cronograma do Museu funciona por temporadas de exposição, havendo cinco ao ano, com uma duração média de 40 dias, sendo a maior de todas a quinta temporada, que ocorre nos meses de novembro, dezembro e janeiro, com intervalos para a manutenção das salas, bem como montagem e desmontagem de exposições. Em todas as temporadas, a gerência do Museu organiza, com a equipe de estagiários, o processo de mediação para as visitas guiadas e outros materiais que possibilitam a aproximação do público com as obras.

Compreendemos, nesta pesquisa, o Museu de Arte como um local que possibilita uma zona de contato com a arte, um local de interação social, onde visitantes e objetos interagem. A experiência museal é construída no encontro entre a "vida dos outros" (representada no acervo) e a vida do visitante (Bakhtin, 2012). Para pensar a dimensão dialógica nesse contexto, buscou-se, no conceito de mediação cultural, a compreensão da relevância desse processo para o campo da arte.

Mirian Celeste Martins (2012) investiga e escreve acerca da mediação cultural, nos diversos contextos de ensino da arte. Para autora, quando falamos de mediação,

> Não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um 'estar entre muitos', de modo ativo, reflexível, propositor, atento ao outro. Um 'estar entre' que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias reatualizadas (Martins, 2012c, p. 47).

Ao compreendermos a mediação como um "estar entre", buscamos ampliar a noção do que significa mediar. Primeiramente, é essencial compreendermos que cada pessoa possui sua história e sua leitura de mundo, assim como cada objeto artístico se constitui nas relações culturais, históricas e subjetivas de seu propositor. Portanto, esse objeto será interpretado e compreendido por outra pessoa que possui uma realidade diferente. É nessa relação que o mediador age como um meio, uma possibilidade entre obra, pessoas e aqueles/acontecimentos que participam no processo.

Segundo Darras (2009), a mediação ganha existência no cruzamento de quatro entidades, sendo elas: "o objeto mediado; as representações, crenças e conhecimentos do destinatário da mediação; as representações, crenças, e conhecimentos e *expertises* do mediador e do mundo cultural de referência" (Darras, 2009, p. 37). Esse cruzamento cultural se dá num processo de tradução semiótica que está implícito na ação da leitura da obra de arte, na qual se constitui a elaboração de sentidos. Para tal, a experiência da mediação deve ser uma experiência com a arte em seu sentido, forma de linguagem, criação e imaginação. Com isso, o objeto artístico se torna "uma obra coletiva, resultando da interação do grupo com o educador, do grupo com as obras, dos indivíduos do grupo entre si, dos indivíduos com as obras e com o museu" (Nicolau, 2011, p. 152), constituindo-se como um processo de trocas simbólicas.

Estar em um museu possibilita o contato direto com a obra de arte, o que difere de sua visualização por meio de fotografias ou de projeções. O museu, portanto, configura-se como um espaço onde o visitante tem a oportunidade de experienciar a relação com a obra em um ambiente preparado para acolher tanto o objeto estético quanto o público.

Os museus oferecem diversos métodos e dispositivos mediadores, desde textos informativos e áudios guiados, que o visitante pode ouvir enquanto aprecia a exposição, até jogos educativos e outros recursos. Um dos dispositivos mais comuns é a visita guiada ou visita mediada, na qual a leitura das obras ganha destaque. Na década de 1980, Ana Mae Barbosa desenvolveu a Proposta Triangular no ensino da arte, destacando a leitura de imagens, a produção artística e a contextualização, mediadas pelo diálogo.

Para Rejane Galvão Coutinho (2009), o leitor da obra de arte traz seu olhar carregado de experiências anteriores, e, "Dessa ótica, acreditamos que não existe uma única interpretação de uma produção artística, mas uma pluralidade de pontos de vista que podem ser complementares ou não" (Coutinho, 2009, p. 175). Assim, compreendemos que não há interpretações únicas, mas interpretações mais pertinentes ou coerentes, exigindo um olhar atento, "um olhar que tece um pensamento visual" (Aranha; Brito; Rosato, 2011, p. 54).

A leitura de imagem, de acordo com Barbosa (2009), consiste em propor questões que mobilizam a reflexão por meio do diálogo. Nesse sentido, o mediador atua como provocador, construindo com o público discursos sobre a obra. Como afirma Nicolau, "Este tipo de proposta transcende as disciplinas historiográficas [...] aproximando-se do modo de pensar e agir do artista" (Nicolau, 2011, p. 152).

Barbosa (2009) destaca, ainda, a importância de ampliar a compreensão do visitante por meio de perguntas que estimulem relações e interpretações, bem como permitir que os próprios visitantes escolham o que desejam analisar, pois "é pela seletividade que a criatividade começa" (Barbosa, 2009, p. 17). Julien-Casanova (2009) reforça essa perspectiva ao afirmar que "cada um traça seu próprio caminho [...] inventando seu próprio texto" (Julien-Casanova, 2009, p. 112).

Nesse sentido, entendemos o museu como um espaço de diálogo, alteridade e construção de sentidos, é um ambiente onde vozes (do curador, do objeto, do visitante, do mediador) interagem (Bakhtin, 2010; 2012). Uma das características da mediação é a sua capacidade de fazer interpretar um contexto na elaboração de sentido que, à primeira vista, foram inexplorados, o que pode levar a compreender relações entre eles, promovendo descobertas. "Mas o importante é também o nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nossos ouvidos ouvem, com o que nosso corpo sente" (Martins, 2012a, p. 13). Essas questões nos levam a refletir sobre como cada pessoa se constitui e como elabora o pensamento e a sua capacidade da leitura de mundo durante sua vida com os outros. Dessa forma, compreendemos a mediação como um processo dialógico, marcado pela interação de múltiplas vozes. Essa é uma forma de construir sentidos com o outro, na alteridade (Bakhtin, 2010).

Bakhtin (2010) enfatiza a "resposta ativa" do interlocutor. No contexto museal, isso significa que o visitante não é um receptor passivo, mas alguém que, ao dialogar com o acervo, reinterpreta o conteúdo com base em seu próprio contexto sócio-histórico, gerando novos sentidos.

Importante salientarmos que a obra de arte, enquanto enunciado, exige abertura para múltiplas interpretações. Muitas vezes, o silêncio também integra esse processo. Portanto, "cabe também ao mediador deixar espaços para que este primeiro encontro seja vivido, no silêncio dos códigos da própria linguagem. Respeitar este tempo é respeitar a obra de arte" (Martins, 2012b, p. 26).

Segundo Françoise Julien-Casanova (2009, p. 111),

> O mediador transporta para seu próprio referencial aquilo que possui uma significação no referencial do especialista científico e, *in situ*, ele transporta/transforma novamente para que faça sentido diante do referencial do visitante.

O mediador reconstrói o sentido inicial, aquele muitas vezes atribuído pelo próprio artista ou pelo curador, e reelabora de outra maneira junto ao visitante.

Carmen Lindón Beltrán Mir (2009) acena que o público que frequenta museus busca objetos que se relacionam com sua vida cotidiana, pois

> quer encontrar-se a si mesmo por elementos com os quais se possa identificar. E mais, quer viver experiências que poderíamos situar em paralelo à experiência estética: chegar ao conhecimento pelos sentidos, por meio do sentimento e conduzido pela intuição (Mir, 2009, p. 95).

Dessa forma, entendemos que a mediação torna contemporâneo o objeto mediado, proporcionando uma atualização na sua representação e trazendo para o tempo do receptor aquilo que não está mais lá ou que ainda não está colocado em evidência. Assim, as relações se constituem, novas narrativas se criam e se tensionam às múltiplas possibilidades de compreender o que está exposto, mas, acima de tudo, de se compreender na relação com o outro e com o mundo.

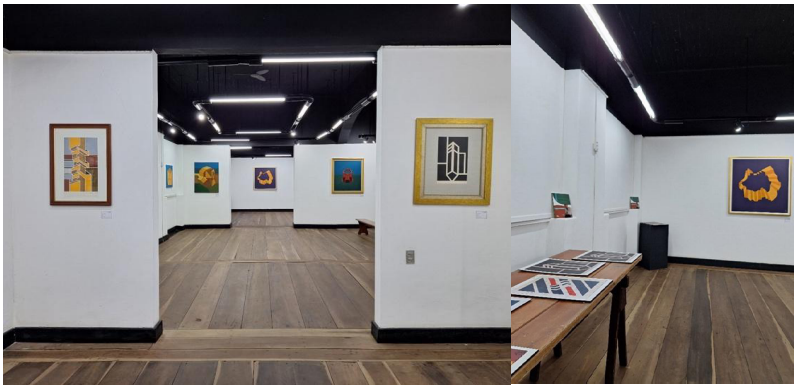
Quarta temporada de exposições de 2023 e a proposta de mediação

A quarta temporada de exposições do MAB de 2023 ocorreu durante os meses de setembro e outubro, com uma duração de 40 dias. A temporada contou com suas cinco salas expositivas ativas e com exposições de artistas individuais, coletivos e do acervo do

museu. A exposição reuniu artistas catarinenses e de outros estados. Com base no Catálogo Digital da 4ª Temporada de Exposições do MAB (2023), sistematizamos os dados que seguem.

A Galeria Municipal/Sala Alberto Luz apresentou uma exposição do artista Roy Kellermann, com pinturas pertencentes ao acervo do Museu de Arte de Blumenau e com obras de colecionadores particulares. A exposição, nomeada "80 Anos de Roy Kellermann", apresentou obras realizadas em diversos períodos de sua vida, além de um espaço educativo.

Figura 2 – Sala Expositiva Alberto Luz.



Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Roy Kellerman, que viveu em Blumenau, realizou produções visuais, foi poeta, contista, intérprete, vocalista e antiquário. A exposição trouxe uma área educativa, com jogos de quebra-cabeças feitos com imagens das obras. Os quebra-cabeças foram desenvolvidos e produzidos pelo Programa Arte na Escola, polo Furb, na subdivisão do EfeX – Espaço de Formação e Experimentação em Tecnologias para Professores, em parceria com o MAB. Também foram disponibilizados papéis para a confecção de *origamis* Tsurus, relacionados a uma pintura do artista, cuja reprodução estava presente no setor educativo.

A Sala Roy Kellermann recebeu a exposição "Deslocamentos da Memória", das artistas Alexandra Ungern, de Recife – PE, e Heloisa Lodder, de São Paulo – SP. Com linguagens diversas, a exposição trouxe fotografias, desenhos, pinturas, instalações,

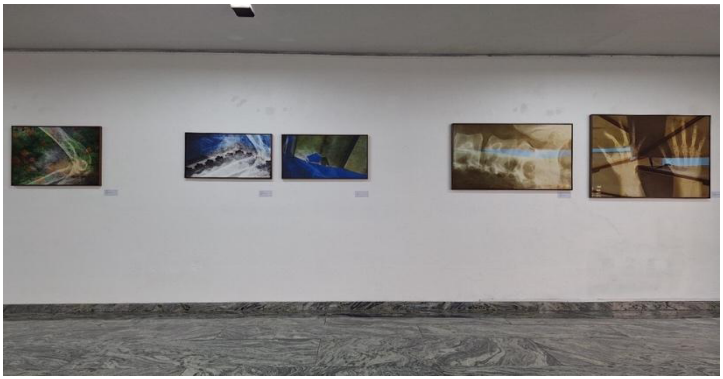
tridimensionalidades e tecidos. A mostra tem como tema memórias coletivas e pessoais da paisagem urbana, discutindo a verticalização de cidades e seus centros históricos, substituindo a arquitetura de casarões tradicionais por prédios e comércios, gerando uma descaracterização da cidade. As artistas debatem e criticam as mudanças das paisagens urbanas que marcaram a memória delas e de muitos outros habitantes daquele meio.

Figura 3 – Sala Expositiva Roy Kellermann.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

A Sala Pedro Dantas recebeu a exposição "Tempo suspenso, entre a pandemia e o caos", da artista Sandra Gonçalves. A exposição reuniu duas séries de trabalhos em fotografias produzidas em tempos pandêmicos, sendo uma das séries nomeadas "Tempo" e a outra "Caos". As obras fotográficas apresentadas na exposição revelam paisagens vistas pela artista através de janelas, as quais, durante aquele período de confinamento, representaram o único contato que se teve com o mundo externo. As fotografias apresentadas despontam a dor, a ansiedade e o sofrimento por meio da técnica de sobreposição com imagens de radiografias dos corpos de seus pais, que estavam passando por complicações de saúde. Suas obras evocam a fragilidade do corpo humano provocado pelo isolamento e a consequente perda da mobilidade, promovendo reflexões acerca das dinâmicas sociais naquele período pandêmico.

Figura 4 – Sala Expositiva Pedro Dantas.



Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

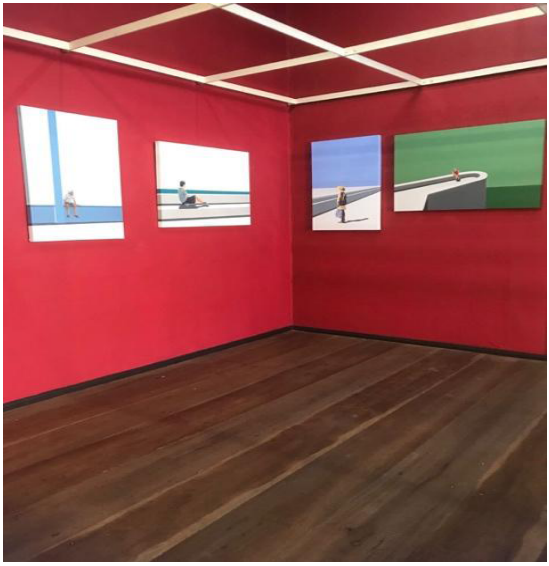
A sala expositiva Elke Hering, com a exposição "Linhas Tênues", da artista de Joinville – SC Roseli Sartori, era composta por diversos livros de artistas, utilizando técnicas mistas, com fotografias, colagens, desenhos e dobraduras. Dessa forma, a artista retrata distintos assuntos, como as memórias, os debates políticos contemporâneos e a pandemia, todos esses ligados por meio de linhas e bordaduras. A linha, seja ela de bordado, desenho ou costura, está presente em todos os livros, representando o pensamento e a comunicação, conectando-se naqueles que tencionam a relação entre livro, literatura e visualidade.

Figura 5 – Sala Expositiva Elke Hering.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

A última sala, chamada Galeria do Papel, trouxe a exposição "Perfeita Solidão", do artista paranaense João Paulo. A exposição abordou a temática do sentimento da solidão, mas não com um viés negativo. Ressaltou a completude em estar sozinho, um tempo apenas para si, para deixar os pensamentos fluírem de forma calma e plena, também associado ao isolamento. João Paulo apresentou uma série de pinturas em painel com homens e mulheres apreciando seus momentos de solidão em locais tranquilos e iluminados.

Figura 6 – Sala Expositiva Galeria do Papel.



Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

O encontro com as professoras

A visita se iniciou com a chegada das professoras ao Museu, no dia 28 de setembro de 2023, às 9 horas e 30 minutos da manhã de quinta-feira. As professoras foram recebidas pela gerência do Museu de Arte de Blumenau e pelos mediadores. Assim, após as apresentações pessoais, convidamos as professoras a adentrar o Museu, iniciando pela Sala Pedro Dantas. A gerência realizou uma breve apresentação do Museu de Arte de Blumenau, contando um

pouco de sua história, sua criação, seus objetivos e seus princípios. Em seguida, assumimos a condução da mediação.

Nesse primeiro momento, o grupo se mostrou silencioso e atento. Antes de iniciar a mediação em si, abrimos um espaço para conhecer melhor cada uma das mulheres que fazia parte do grupo de professoras por meio da pergunta propositora: "alguém aqui já visitou o Museu de Arte de Blumenau antes?". A maioria das professoras relatou que nem sabia da existência de um museu de arte na cidade, algumas já haviam ouvido sobre a instituição, mas nenhuma havia visitado o espaço antes. Esse relato é comum, pois muitos dos visitantes que vão ao museu não conhecem o espaço.

Após uma breve conversa sobre informações gerais da vida pessoal de cada professora, explicamos o processo de mediação e as convidamos para iniciarem o **primeiro contato** com as obras expostas.

Figura 7 – Primeiro contato – Sala Pedro Dantas.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Em silêncio, as professoras se dispersaram pela sala expositiva, onde iniciaram a observação das obras, tendo a grande maioria realizado a apreciação de forma individual. Observamos que algumas professoras, aparentando ter afinidade umas com as outras, engajaram-se em breves conversas, compartilhando seus olhares e

suas percepções. Ouvimos, ao fundo, algumas delas indagando do que se tratavam tais fotografias, já que algumas "formas abstratas" não lhes faziam sentido.

Em um momento, uma das professoras, muito curiosa, perguntou: "mas o que são essas obras? São fotografias? Não consigo identificar o que está dentro delas". Solicitamos que guardasse a questão para o momento coletivo, embora sua curiosidade tenha persistido. Esse tipo de situação já havia sido observado em outras mediações, indicando a expectativa por respostas imediatas. Entretanto, a professora ainda insistiu mais um pouco: "conte só para mim, juro que guardo segredo". Achamos curioso, e ela pareceu decepcionada ao não serem "revelados", em respostas prontas, os significados relativos à exposição e às obras que nela estavam presentes.

Esse fenômeno já havia sido observado em diversas outras mediações. Em muitas situações, é a primeira vez que a pessoa entra em contato com algo não literal, que exige certa sensibilidade para ser compreendido. Em algumas situações, percebemos a negação de visitantes que mostram descrença de que aquilo pudesse ter algum sentido. Entretanto, o grupo estava muito aberto e a curiosidade falava mais alto. Para aquelas mulheres, compreender as obras dispostas à sua frente era mais importante do que relegá-las a um olhar desatento.

Passado certo tempo, quando percebemos que as professoras haviam observado a maior parte dos objetos expostos na sala, solicitamos a elas que selecionassem aquele que mais lhes chamara a atenção e que se aproximassem dele para começar **o jogo**. Assim, iniciou-se a movimentação e, após as professoras se posicionarem perto das peças de arte que lhes chamaram mais a atenção, foi realizada a contagem das professoras em cada uma das obras. Dessa forma, observamos que um pequeno quadro fora o mais escolhido na exposição. Assim, todas foram convidadas a se reunir em volta desse quadro para que pudessem observá-lo melhor e, após as professoras se alocarem, foi iniciada a **leitura da obra**.

Figura 8 – Leitura da obra – Sala Pedro Dantas.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

As professoras do grupo inicial, que selecionaram a obra, foram convidadas a manifestarem seus motivos para tal escolha. Uma delas apontou que havia notado a presença de três meninos e que eles estavam vestindo uma camiseta do jogador de futebol português Cristiano Ronaldo, enquanto a menina vestia preto e estava um pouco mais afastada daqueles que a professora se referia como "seus irmãos". A partir dessa colocação, questionamos o porquê de elas imaginarem essa situação e o que acreditavam que motivava um certo afastamento entre as personagens retratadas no quadro. Então, começaram a compartilhar suas percepções a respeito da fotografia e até mesmo suas vivências pessoais: muitas como irmãs mais velhas precisaram amadurecer precocemente para que seus irmãos continuassem crianças. Iniciamos a conversa sugerindo mais perguntas propositoras, fazendo-as questionar não apenas o conteúdo da fotografia, mas também seu suporte, as técnicas de como ela foi feita, quem elas imaginavam que era o artista por trás da obra, entre outros fatores.

Nesse momento, uma das professoras indagou: "mas isto é mesmo uma fotografia? Tem algo em cima dela, mas não consigo identificar o que seja". O questionamento se estendeu: "será que a câmera não estava quebrada?". Elas iniciaram um processo de

tentar decifrar o que era a sombra que perpassava a fotografia. Solicitamos que elas observassem em volta e tentassem identificar se havia sombras parecidas em outras fotografias na sala. Todas notaram que sim, mas apenas duas delas apontaram "são raios X!". Questionamos se elas haviam percebido antes a presença dessas intervenções nas fotografias, muitas relataram que perceberam que não eram fotografias normais, mas não sabiam dizer o que eram tais sombras, e que, na verdade, apenas as ignoraram sem de fato tentar compreender do que se tratavam.

A mediação partiu, então, para tentativas de decifrar como a artista fotografou por cima dos raios X, o que aflorou a criatividade das professoras. Uma professora comentou que achava que "a artista pegou o raio X, o posicionou na frente da câmera e fotografou através dele", outra, um pouco mais descrente na ideia da anterior, comentou que a artista "colocou o raio X digitalmente, num desses *apps* de edição de foto". Outra comentou que a artista havia realizado uma "colagem física com as fotos e o raio X e depois fotografou por cima". Assim, cada uma foi apontando seus pontos de vista sobre como a obra fora criada.

A discussão se desenvolveu de forma progressiva, passando por momentos de silêncio, mas com interações. No entanto, ao notarem que estavam livres para expor seus pensamentos sem julgamentos, houve um ânimo na conversa. Finalizamos o processo na sala com o momento do **grande círculo**, no qual a mediadora apresentou a artista da sala e sua exposição, explicando seus motivos e a motivação da poética da sala como um todo. Uma das professoras, que realmente chegou num processo de leitura muito próximo da proposta da artista, exclamou: "viram? Eu quase acertei!". Então, conversou-se sobre a proposta da artista e suas obras, sem que houvesse uma interpretação certa ou errada para ela, pois isso depende de formação e das diversas leituras particulares de mundo. O importante era saber que as obras não são criadas aleatoriamente, que se constituem sim em enunciados com a intenção do artista. Afinal, a exposição é um conjunto de enunciados (Bakhtin, 2010). Os objetos e as exposições ganham "vida" quando entram em diálogo com o público, tornando-se eventos únicos e irrepetíveis. Os sentidos são construídos na interação com o objeto.

Na Sala Roy Kellermann, notamos mais autonomia do grupo, com interações mais espontâneas logo no **primeiro contato** com a obra de arte. Iniciando as observações, podíamos ouvir conversas e comentários sobre os objetos presentes na sala. Percebemos maior surpresa e interesse por parte das professoras em relação à exposição de Alexandra e Heloísa, pois trouxeram instalações e materialidades diferentes. As fotografias, os objetos retirados das demolições, as proposições com linhas e pregos e os tecidos estampados chamaram muito a atenção das professoras.

Figura 9 – Primeiro contato – Sala Roy Kellermann.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Partimos para **o jogo,** e a obra selecionada pelas professoras foi "Eu adorava esse tempo". O motivo da escolha apontada durante a **leitura da obra** foi uma certa memória afetiva apresentada pelo grupo. Muitas das que ali estavam revelaram que suas mães possuíam certa familiaridade com a linha, seja por meio do trabalho como costureiras ou com atividades artesanais, na realização de bordados e tricôs. Relataram que grande parte dessas técnicas era geracional, suas mães aprenderam com suas avós e passaram para suas filhas. Houve também um breve diálogo sobre manufaturas femininas e como, para elas, era tocante ver uma atividade, geralmente diminuída pelo patriarcado, como algo que, na referência de uma das professoras, era "coisa de mulherzinha", mas estava colocada em destaque, numa posição de importância e credibilidade.

As fotografias familiares impressas sobre os tecidos também lhes afloraram memórias sobre suas antepassadas, bem como os vínculos e as tradições femininas que as uniam. Percebemos que a mediação foi mais fluida, já não foi mais necessário realizar tantas perguntas propositoras, era preciso apenas mediar os assuntos. Atuamos principalmente na organização das falas e na articulação com os sentidos das obras. Elas comentaram que possuíam fotos parecidas com suas avós, a partir das quais, mesmo sem se lembrarem, sentiam uma grande ternura ao olhar. Uma das professoras, que estava mais observante durante o diálogo, compartilhou o motivo de certa reclusão com as demais. Ela apontou que, como avó, aquela peça a tocava muito. Era divorciada e nunca conseguiu estreitar os laços com a filha, mas agora tentava compensar tudo com a neta e, naquele momento, estava tentando criar memórias afetivas com a menina, ensinando a ela o bordado.

Ao fim da leitura de imagem, uma das professoras fez uma pergunta muito importante, que indagou a todas: "mas isso é arte?". Dada a brecha, abordamos a contemporaneidade nas artes visuais e as mudanças dos conceitos de arte ao longo da história. As professoras se sentiram provocadas com o diálogo e, então, partiu-se para o **grande círculo,** em que discutimos as propostas trazidas pelas artistas e, principalmente, a ligação entre as outras obras da sala e a selecionada pelas professoras.

Figura 10 – O grande círculo – Sala Roy Kellermann.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Na Sala Elke Hering, informamos às professoras que os objetos presentes na exposição eram livros de artista e que poderiam ser manuseados, folheados e reorganizados como bem entendessem. A informação as deixou muito animadas, pois, para muitas, era a primeira vez que adentravam um museu onde a exposição poderia ser tocada. No começo, houve certo receio e muitas evitaram tocar, mas as incentivamos a pegarem nos objetos e manipulá-los.

Dessa vez, as conversas já iniciaram no **primeiro contato**, pois questionaram o que eram esses livros de artista. Explicamos sobre as materialidades contemporâneas e o livro como suporte e como poética nas artes visuais. Muitas se empolgaram ao conhecer essa materialidade, principalmente pensando no ambiente escolar e em como poderiam desenvolver trabalhos incríveis com as crianças por meio da construção de um livro de artista.

Figura 11 – Primeiro contato – Sala Elke Hering

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Após observarem as obras e discutirem as possibilidades de trabalhar com essa materialidade em sala de aula, continuamos o roteiro da mediação, que seguiu assim nessa e na penúltima sala visitada pelas professoras, a Galeria do Papel. Entretanto, na última exposição visitada, presente na Sala Alberto Luz, percebemos sinais de cansaço, considerando o tempo de visita. Dessa forma, propusemos um momento mais livre, permitindo descanso e interação com materiais educativos.

Algumas professoras continuaram espontaneamente a leitura das obras, demonstrando apropriação do processo. Notamos que, como foram provocadas anteriormente, sentiram interesse em se relacionar com as obras de arte, mesmo sem a presença do mediador, buscando compreender seu olhar e o olhar das colegas sobre o objeto exposto.

Figura 12 – Jogos educativos – Sala Alberto Luz.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Blumenau (2023).

Por fim, antes de deixarem o Museu, as professoras compartilharam como foi a visita. Uma delas relatou que já havia estado em outros museus de arte em viagens pessoais e que, na ocasião, não havia mediador disponível. Segundo a professora, foi uma visita mais superficial, "claro que encantadora", mas o momento da mediação mudou completamente a forma como viu o museu, principalmente o de arte, sendo não apenas um lugar para conhecer, mas para criar e interpretar também. Essa mesma professora compartilhou que pretendia voltar com a família no fim de semana para recriar aquele momento de mediação que tanto a encantara e, principalmente, mostrar que a cidade de Blumenau possuía um espaço para se usufruir da arte e da cultura.

Outra professora comentou que, na semana anterior, havia visitado outro museu na cidade e as experiências nas visitas dos dois museus foram bem diferentes. Relatou que o "guia" do outro museu apenas explicava sobre o que se tratavam os objetos expostos, suas histórias e funções e sobre antigos proprietários dos objetos. Afirmou que não havia um momento para discutir e refletir e, em suas palavras, "foi quase que uma contação de história, onde a gente fica sentadinho vendo a professora ler e mostrar os livros ilustrados,

mas aqui não, aqui a gente pode criar nossa própria história" a partir dos objetos expostos nas salas.

Posicionar-se é parte do processo, é na reflexão que as professoras puderam perceber seus contextos e suas experiências. Assim, "é primordial que a ação docente pleite questionamentos e confrontos e que possa reavaliar e reconstruir saberes constantemente" (Guilherme; Santos; Spagnolo, 2020, p. 22).

A professora que ficou responsável como líder do grupo comentou também sobre como aquela experiência aproximou as educadoras. Ela relatou que "foi uma oportunidade de nos conhecer melhor também, como um grande grupo. Conhecer nossas histórias de vida e percepções de mundo umas das outras, algo que ainda não havíamos sido oportunizadas de fazer".

Guilherme, Santos e Spagnolo (2020, p. 20), ao pesquisarem a formação continuada docente, afirmam que é fundamental que o processo "seja uma relação educativa permeada por constantes desafios, em que a reflexão das pessoas sobre seu papel no mundo é oportunizada com criticidade, autoria e conduta ativa". Certificamos que esse movimento vivido no Museu de Arte de Blumenau, na formação continuada, oportuniza relevantes momentos para o coletivo, abre oportunidades de diálogo e proporciona encontros.

Considerações finais

Discutimos, nesta pesquisa, o processo de mediação com um grupo de professoras em formação continuada, com o objetivo de analisar relatos e registros de uma experiência de mediação cultural realizada no Museu de Arte de Blumenau com professoras, identificando as estratégias utilizadas e compreendendo como contribuíram para a construção de um espaço museal acolhedor e propício à fruição.

A mediação foi um processo que seguiu um roteiro em cada sala expositiva. O roteiro propôs que os visitantes pudessem visitar as cinco salas e, apesar de parecer repetitivo, as professoras não se dispersaram no processo. Observamos que, embora o percurso fosse semelhante, o engajamento do grupo aumentou progressivamente, e, com isso, ressaltamos a intencionalidade educativa no processo.

Afirmamos que parte essencial do processo de mediação é relacionar-se com as pessoas, mobilizando e provocando um diálogo mais íntimo entre público e obras, entre as pessoas no espaço coletivo. O relato dessa experiência contribuiu para compreender o papel dos mediadores junto à atividade com professores da Educação Básica. Ressaltamos que há uma relação íntima entre o processo de formação continuada das professoras e o processo formativo da própria mediadora. Em dinâmica dialógica, a relação se constitui de maneira simultânea, levando em conta comentários e perguntas feitas pelas professoras.

Consideramos a importância das reflexões sobre mediação cultural para compreender as relações de educação em espaços museais. Com a mediação realizada com as professoras no Museu, foi possível criar um espaço de partilha estética com gradativa autonomia e com engajamento nos diálogos. Dessa forma, entendemos que a mediação não apenas integra o funcionamento do Museu, mas também potencializa sua constituição como espaço de acolhimento, diálogo e produção de sentidos.

Referências

ARANHA, Carmen S. G.; BRITO, Amaury C.; ROSATO, Alex. Cultura de visualidade: aproximações da linguagem. *In*: ARANHA, Carmen; CANTON, Katia. (Org.). *Espaços da mediação*. São Paulo, SP: PGEHA: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2011. p. 37-58.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. *In*: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo, SP: Unesp, 2009. p. 13-22.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. *In*: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo, SP: Unesp, 2009. p. 171-186.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. *In*: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo, SP: Unesp, 2009. p. 23-52.

GUILHERME, Alexandre Anselmo; SANTOS, Bettina Steren dos; SPAGNOLO, Carla. Educação continuada de professores: diálogos emergentes a partir da visão de Gert Biesta. Teacher's lifelong learning: emerging dialogies from Gert Biesta's philosophical views. *Conjectura*: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, RS, v. 25, p. e020025, 2020. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/6098. Acesso em: 11 abr. 2026.

JULIEN-CASANOVA, Françoise. Comentários sobre a mediação cultura. A prática de um modo-modelo e suas atualizações: as intervenções de tipo conversacional em presença direta. *In*: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo, SP: Unesp, 2009. p. 105-120.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. (Org.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo, SP: Intermeios, 2012a. p. 9-22.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: primeiro encontro com a arte e cultura. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. (Org.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo, SP: Intermeios, 2012b. p. 23-32.

MARTINS, Mirian Celeste. Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. (Org.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo, SP: Intermeios, 2012c. p. 47-60.

MIR, Carmen Lindón Beltrán. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. *In*: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo, SP: Unesp, 2009. p. 85-102.

MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU. Catálogo Digital MAB. *4ª Temporada de Exposições*. MAB, 2023. Disponível em: https://online.fliphtml5.com/qslia/joaj/. Acesso em: 2 jun. 2024.

NICOLAU, Evandro. Teatro cognitivo. *In:* ARANHA, Carmen; CANTON, Kátia. (Org.). *Espaços da mediação*. São Paulo, SP:

PGEHA: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2011. p. 149-166.

PERUZZO, Leomar. *Mediação cultural no museu:* ressonâncias da experiência estética no corpo (em performance) de professores de arte. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Santa Catarina, SC, 2018.

WENDERLICH, Rosana Clarice Coelho. *Museu de arte e mediação cultural:* o que dizem crianças e adolescentes? Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, 2020.

Submetido maio de 2026.
Aprovado julho de 2026.